

# O Exame

Franz Kafka

Sou um criado, mas não há trabalho para mim. Sou medroso e não me ponho em evidência; nem sequer me coloco em fila com os outros, mas isto é apenas uma das causas de minha falta de ocupação; também é possível que minha falta de ocupação nada tenha a ver com isso; o mais importante é, em todo caso, que não sou chamado a prestar serviço; outros foram chamados e não fizeram mais gestões que eu; e talvez nem mesmo tenham tido alguma vez o desejo de serem chamados, enquanto que eu o senti, às vezes, muito intensamente.

Assim permaneço, pois, no catre, no quarto de criados, o olhar fixo nas vigas do teto, durmo, desperto e, em seguida, torno a adormecer. Às vezes cruzo até a taverna onde servem cerveja azeda; algumas vezes por desfastio emborqueei um copo, mas depois volto a beber. Gosto de sentar-me ali por que, atrás da pequena janela fechada e sem que ninguém me descubra, posso olhar as janelas de nossa casa. Não se vê grande coisa; sobre a rua, dão, segundo creio, apenas as janelas dos corredores, e além do mais, não daqueles que conduzem aos aposentos dos senhores; é possível também que eu me engane; alguém o sustentou certa vez, sem que eu lho perguntasse, e a impressão geral da fachada o confirma. Apenas de vez em quando são abertas as janelas, e quando isso acontece, o faz um criado, o qual, então, se inclina também sobre o parapeito para olhar para baixo um instantinho. São, pois, corredores onde não se pode ser surpreendido. Além do mais não conheço esses criados; os que são ocupados permanentemente na parte de cima, dormem em outro lugar; não em meu quarto.

Uma vez, ao chegar à hospedaria, um hóspede ocupava já o meu posto de observação; não me atrevi a olhar diretamente para onde estava e quis voltar-me na porta para sair em seguida. Mas o hóspede me chamou e, assim, então, percebi que era também um

criado ao qual eu tinha visto alguma vez e em alguma parte, embora sem ter falado nunca com ele até aquele dia.

– Por que queres fugir? Senta-te aqui e bebe. Eu pago.

Sentei-me, pois. Perguntou-me algo, mas não pude responder-lhe; não compreendia sequer as perguntas. Pelo menos eu disse:

– Talvez agora te aborreça o fato de ter-me convidado. Vou-me, pois.

E quis erguer-me. Mas ele estendeu a mão por cima da mesa e me manteve em meu lugar.

– Fica-te!, disse. Isto era somente um exame. Aquele que não respondesse às perguntas está aprovado no exame.

Este e-texto pode ser livremente:

1º Distribuído com ou sem fins comerciais.

2º Modificado, desde que retirado o título, o nome do autor e do editor.

## Texto sob domínio público.

Última revisão: qui 23/out 14 — 23:13:21

Edição eletrônica por Rafael Palma

# THE TEST

Franz Kafka

I am a servant, but there is no work for me. I am timid and don't push myself to the fore, indeed I don't even push myself into line with the others, but that is only one reason for my nonemployment, it's even possible that it has nothing to do with my nonemployment, in any case the main thing is that I am not called upon to serve, others have been called yet they have not tried harder than I, indeed perhaps they have not even felt the desire to be called, whereas I, at least sometimes, have felt it very strongly.

So I lie on the pallet in the servants' hall, stare at the beams in the ceiling, fall asleep, wake up and promptly fall asleep again. Occasionally I walk over to the tavern where they sell a sour beer, occasionally I have even poured away a glass in disgust, but at other times I drink it. I like sitting there because from behind the closed little window, without the possibility of being discovered, I can see across to the windows of our house. Not that one sees very much there, to my knowledge only the windows of the corridors look out on the street, and moreover not even those of the corridors leading to my employers' apartments. But it is also possible that I am mistaken; someone, without my having asked him, once said so, and the general impression of this house front confirms this. Only rarely are the windows opened, and when this does occur it is done by a servant who may lean against the balustrade to look down for a while. It follows therefore that these are corridors where he cannot be taken by surprise. As a matter of fact I am not personally acquainted with these servants; those who are permanently employed upstairs sleep elsewhere, not in my room.

Once when I arrived at the tavern, a guest was sitting at my observation post. I did not dare look at him closely and was about to turn round in the door and leave. The guest, however, called me over, and it turned out that he too was a servant whom I had seen somewhere before, but without having spoken to him.

"Why do you want to run away? Sit down and have a drink! I'll pay." So I sat down. He asked me several things, but I couldn't answer, indeed I didn't even understand his questions. So I said: "Perhaps you are sorry now that you invited me, so I'd better go," and I was about to get up. But he stretched his hand out over the table and pressed me down. "Stay," he said, "that was only a test. He who does not answer the questions has passed the test."